

Evento: XX Jornada de Extensão

**A EXPERIÊNCIA DA SUPERVISÃO DURANTE A ÊNFASE EM PSICOLOGIA
E PROCESSOS CLÍNICOS¹**
**THE EXPERIENCE OF SUPERVISION DURING THE EMPHASIS ON
PSYCHOLOGY AND CLINICAL PROCESSES**

Vitória Ribeiro Krambeck²

¹ Relatório de Estágio em Psicologia e Processos Clínicos I e II

² Aluna do curso de graduação em Psicologia da UNIJUI.

Já no momento da matrícula para a Ênfase em Psicologia e Processos Clínicos os pensamentos começam a se movimentar em torno do momento que está por chegar: a prática. É um anseio pelo que é desconhecido e sobre como vamos agir frente a essa etapa que gera angústias. O que nos consola, é que de acordo com Freud (1915 [1914]) esses sentimentos são reconhecidos em todo principiante. Para ele, o próprio vivenciar desse momento responderá a muitas de nossas incertezas. Contudo, o viver dessa experiência carrega junto a si uma dificuldade comum a todos os profissionais que trabalham com a teoria psicanalítica, a saber, a transferência.

Para Freud (1912), “a transferência surge como a resistência mais poderosa ao tratamento.” (FREUD, 1912, pg.61) Nesse sentido Freud (1913) aborda a resistência ao lado do próprio terapeuta, ao propor que “mesmo um homem que é muito bem capaz de realizar uma análise em outras pessoas possa comportar-se como qualquer outro mortal e ser capaz de produzir as mais intensas resistências” (FREUD, 1913, pg.77). Por isso, quando se fala em análise, reconhece-se a necessidade de que o analista tenha passado anteriormente pelo processo de análise pessoal, a fim de identificar suas próprias questões e assim estar apto a escutar outros sujeitos.

Na Clínica Escola de Psicologia da UNIJUI, apesar de esta se apoiar no embasamento psicanalítico, não é possível requerer a obrigatoriedade de análise aos alunos. Nesse sentido, a supervisão, que ao lado da teoria e da análise pessoal, constitui o tripé psicanalítico, é realizada semanalmente junto a um professor, tendo extrema importância no caminho de formação do estagiário. De acordo com Freud (1910) os iniciantes passam por dois estágios: o do entusiasmo pelo aumento das façanhas terapêuticas e o da depressão pelas dificuldades que impedem seus esforços. A supervisão é o espaço que o estagiário possui para falar acerca dessas questões.

Em 1910 Freud propõe que o mecanismo de auxílio para quem trabalha com a Psicanálise, trata-se de uma ajuda intelectual que proporciona ao paciente a superação de suas resistências a partir da transferência. Em relação ao terapeuta, surge uma contratransferência, que advém da influência do paciente sobre os sentimentos inconscientes do profissional, que em geral é reconhecida e considerada pelo próprio terapeuta. Porém, nem sempre é possível reconhecê-la sozinho, por isso, Freud propõe que paralelamente à realização de observações sobre os pacientes, se desenvolva continuamente uma atividade de autoanálise. Nessa mesma obra, ele aborda a necessidade da troca recíproca de observações entre pessoas que praticavam a Psicanálise, a qual pode ser relacionada à atual noção de supervisão em Psicanálise.

Em 1912, Freud utiliza o exemplo da Escola de Psicanálise de Zurique, que tinha como exigência para o ingresso dos futuros analistas, que estes fossem anteriormente analisados por alguém com conhecimentos teóricos, enfatizando a vantagem que se origina a partir do contato mental

Evento: XX Jornada de Extensão

duradouro que se estabelece entre o estudioso e seu guia. Essa afirmação vai de encontro à supervisão, haja vista que considera o estudante e um guia que irá auxiliar para o reconhecimento das próprias dificuldades a partir do que é para com ele partilhado.

Ao longo do desenvolvimento da Psicanálise o conceito de supervisão se expandiu. De acordo com Alfredo Jerusalinsky (2005) a supervisão é uma aprendizagem fundamental para o analista, que precisa saber que em seu ato analítico se faz presente uma resistência por ele ignorada, evidenciando que além de haverem lacunas na fala, esses lugares vazios existem também na escuta. Utilizando Lacan, Jerusalinsky enfatiza que a resistência está sempre do lado do analista, “que não escuta a ressonância do que é calado pelo paciente, que deveria ali ser decifrado.” (JERUSALINSKY, 2005, pg.17)

Para Jerusalinsky (2005), a supervisão é uma prática necessária não somente ao aprendiz, mas a todo processo de escuta de pacientes pelos analistas. Ele propõe que durante a supervisão os pacientes falam muito mais do que foi pelo analista escutado. Não consiste numa instrução de como analisar, mas na indicação “do lugar onde há chance de encontrar alguma verdade” (JERUSALINSKY, 2005, pg.17). Ele propõe que é pela narrativa que o analista faz do que o paciente lhe diz, que podem ser percebidas as hiências do discurso, não somente o grande Outro, mas o modo que o paciente produz o sinthome, como representa sua falha no discurso.

De acordo com Ieda Prates Silva (2005) a supervisão, prática consagrada na psicanálise, consiste em um espaço privilegiado e particular de discussão clínica entre dois colegas. Esse espaço visa possibilitar, a partir da transferência de trabalho, que o lugar do sujeito suposto saber seja destinado a alguém de fora da cena analítica, residindo num espaço terceiro entre o analista e o analisante. Ela ainda indica a necessidade de que a palavra supervisão seja tomada não pelo sentido superegóico que carrega pelo supervisor ou pelo supervisionando, para que a produção dali advinda não seja entendida como algo da ordem da impostura, barrando a fala do analista sobre sua prática. Para isso aponta outras significações, como o de super-visão no sentido de uma à visão distância, uma boa distância que possa constituir uma borda entre isto que é simultaneamente inseparável e inconciliável, nesse dentro e fora, que tem como personagens principais o analista e o analisando. É garantindo a função do terceiro que possibilita a construção dessa borda.

De acordo com Silva (2005) é comum que o estagiário chegue na posição de aluno, buscando no supervisor garantias para adentrar na clínica. No entanto, cedo perceberá que frente ao paciente, a responsabilidade é exclusivamente sua, pois é sozinho que escuta e, também sozinho, que intervém. Nas primeiras supervisões, falo aqui de forma particular, tinha outra visão sobre esta, pois mesmo reconhecendo a especificidade de cada caso, a busca por respostas e padrões de métodos para agir frente aos pacientes eram por mim esperados, ademais, não me autorizava a produzir nenhuma intervenção antes de tratá-la em supervisão. Nesse sentido, Silva (2005) afirma que a função da supervisão é manter aberta a escuta às formações do inconsciente. Não consiste, portanto na transmissão do modo de fazer, de um saber sobre a clínica, ou de transmitir um estilo próprio como analista, mas sim, ver a cena analítica de outro lugar. A posição sustentada pelo supervisor não é nem a de analista, nem a de mestre, mas sim, daquele que mantém aberto o lugar terceiro, ao qual dispõe como um “lugar possibilitador de passagem às formações do inconsciente, principalmente em momentos nos quais esta passagem se vê obstaculizada pela

Evento: XX Jornada de Extensão

insegurança ou autocensura do terapeuta” (SILVA, 2005, pg.15)

Silva (2005), ainda aborda que por se tratar de um iniciante, muitas vezes o estagiário não se vê no lugar de sujeito do suposto saber em relação a seu paciente. Em supervisão, é necessário que o terapeuta reconheça esse lugar e possa sustenta-lo em transferência. Penso que o fato de o estagiário ainda estar ligado às questões acadêmicas de formação, gera uma confusão na distinção entre a posição do professor, enquanto mestre em sua posição de sujeito do suposto saber, à posição de supervisor. Inicialmente, me encontrava em constante dúvida acerca do que havia feito e se as minhas ações eram corretas ou não durante as sessões, e, por isso, tinha certo receio sobre o que teria como retorno de minha supervisora, esperando uma correção técnica e teórica por parte dela, ou um caminho a seguir, o que fazia com que eu não questionasse a si mesma sobre as minhas próprias questões.

Com relação aos estudantes de Psicologia, que trabalhem em seus estágios sob o enfoque psicanalítico, Silva (2005) aborda a supervisão como responsável por um duplo compromisso: com a instituição, enquanto garantia ética de qualidade do trabalho clínico e com a formação dos estagiários, e deles com os pacientes e sua própria trajetória profissional. Dessa forma, ela recomenda e alerta, para que a supervisão não seja vista como uma exigência acadêmica, mas como uma consequência da atividade clínica, como demanda singular, do estudante de psicologia, e fundamental para os desdobramentos e movimentações de seus casos clínicos. Particularmente, a compreensão e distinção desses lugares, aos quais a supervisão e o supervisor ocupam, levaram um tempo para se tornarem nítidos.

As primeiras semanas trataram-se mais de um relato acerca das sessões com os pacientes do que uma supervisão em si, por minha parte. De acordo com Isidoro Vegh (2000), esse relato do dizer, fazer e sentir do paciente, que chegam como interrogação para o terapeuta, pode vir para que se possa formular uma pergunta própria. Ele reconhece que no início da prática, muitas vezes, o profissional não sabe nem o que interrogar, haja vista que é algo complexo. Somente na vivência da experiência é que se obtém a formulação da própria pergunta de forma mais fácil.

Ao longo dos encontros isso me foi apontado pela supervisora, o que foi de extrema valia para a minha atuação prática. Desde esse momento, pude perceber movimentações nos casos e em relação a minha própria postura em supervisão. No lugar de relatos ou narrativas das sessões, que eram escritos antes da supervisão, a partir de uma reflexão, passei a pensar nas questões que cada caso trazia para mim, assim a supervisão deixou de ser uma repetição sobre o que me era falado pelo paciente. Além disso, com o andar dos encontros, passei a entender e ver a supervisão, realizada por professores, para além de sua obrigatoriedade institucional, que garante a sustentação ética do estágio. Ver-se como um colega, frente ao mestre, não é algo simples, mas, reconheci que somente sem receios de julgamento, por parte do supervisor, é que o estagiário entrará em contato, de fato, às suas limitações de escuta, a partir dos apontamentos sobre as questões que não se percebem (escutam) conscientemente pelo estagiário. Com relação a isso, Silva aponta:

[...] é no vivido da experiência de supervisão que algo de nossa clínica nos interroga, através do que falamos conscientemente do caso, mas também, e principalmente, através dos lapsos, das repetições inadvertidas, dos “brancos”, da angústia ou da emoção que nos atinge naquele momento; o

Evento: XX Jornada de Extensão

que vem a ser trabalhado, no espaço da supervisão, ao nível da relação transferencial, obviamente; mas que não deixa de provocar desdobramentos na própria análise do supervisionando, produzindo efeitos de formação. (SILVA, 2005, pg.15)

Dessa maneira, a supervisão é um espaço para fala do estudante. De acordo com Silva (2005), a supervisão, em Psicanálise, é fundamental para o desdobramento de uma análise, haja vista que consiste no o espaço onde o analista pode trazer as questões singulares de suas experiências de tratamentos de sujeitos, pelos quais tem responsabilidade. No entanto, não se deve esperar do supervisor um modelo de como ser psicólogo, pelo fato de que frente ao paciente, é a singularidade de seu modo de fazer que entrará em questão, haja vista que trabalhando com a ética da Psicanálise, a ética do desejo e do inconsciente, não é possível fazer suposições a priori. Nesse sentido, Jerusalinsky (2005), aponta que o fato para que Lacan tenha, em algum momento, utilizado o termo análise de controle para o que conhecemos agora por supervisão, reside nas próprias palavras do termo: análise, enquanto análise das próprias questões que aparecem na supervisão, o que é fundamental para a formação; e controle, que pontua, segundo Jerusalinsky, muito oportunamente, a necessidade que o analista, que aqui, transfiro para estagiário em Psicologia, com enfoque psicanalítico, se iniba em sua manifestação resistencial, para que seja possível uma interpretação com base nas questões do paciente e não do estagiário. Jerusalinsky demonstra que se não estiver “controlado”, quanto às suas próprias resistências, o analista ficará inclinado a escutar na fala dos pacientes a ressonância das próprias palavras, palavras de si próprio. Conforme sua proposição é neste lugar que reside um risco, isto é, que a história trazida pelo paciente enquanto sujeito, torne-se a história do sujeito analista, e aqui, estagiário. Portanto, a supervisão possibilita o reconhecimento do que é próprio de cada sujeito que se propõe a escutar, bem como, uma reflexão acerca desta singularidade, e é por isso que é necessária, não somente aos estudantes, mas a todos que se propõe a trabalhar com a ética do desejo. De acordo com Vegh (2000), o encontro com o inconsciente, que quer a toda custa retornar e só não retorna pelas resistências que se opõe a esse retorno, é difícil para qualquer pessoa, inclusive, para quem trabalha com ele. Então, a supervisão deve frisar a tentação do sentido, evidenciando que a letra, é, sempre, mais valiosa que o sentido. Dessa forma, Vegh (2000) propõe que a supervisão deverá convidar o analista a exercitar a flexibilidade de suas certezas acerca das suas teorias sobre seu paciente, revisando-as com tranquilidade para que se possam detectar tropeços de sua própria letra, seus próprios lapsos, esquecimentos e enganos, a fim de que esses não interfiram em sua posição na transferência.

Palavras chaves: Estágio clínico; Supervisor; Psicologia; Psicanálise.

Keywords: Clinical internship; Supervisor; Psychology; Psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. (1910). **As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica**. In. FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 11. Rio de

Evento: XX Jornada de Extensão

Janeiro: Imago.

_____. (1912). **Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise**. In. FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1912). **A Dinâmica da Transferência**. In. FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1913). **Sobre o Início do Tratamento** (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise I). In. FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1914). **Recordar, Repetir e Elaborar** (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II). In. FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1915 [1914]). **Observações Sobre o Amor Transferencial** (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise III). In. FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Entrevista para Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. In. Correio da APPOA: Supervisão, Formação e Transmissão. Porto Alegre, n. 142, dezembro, 2005.

SILVA, Ieda Prates. **O Lugar da Supervisão na Formação do Analista**. In. Correio da APPOA: Transmissão e Formação. Porto Alegre, n. 132, janeiro, 2005.

_____. **Supervisão e Responsabilidades**. In. Correio da APPOA: Supervisão, Formação e Transmissão. Porto Alegre, n. 142, dezembro, 2005.

_____. **O Que nos Interroga na Supervisão?** In. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - Onde fala um analista - n° 29 - dezembro - 2005.

VEGH, Isidoro. **A Análise de Controle**. Exposição realizada no Colóquio de verão Resistências al discurso analítico, nos dias 13, 14, e 15 de fevereiro de 2000. Traduzido por Karina Djamboladjian Torossian. In. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - Onde fala um

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUI 2019

21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XX Jornada de Extensão

analista - nº 29 - dezembro - 2005.